

# SABERES DO MATO: A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E AS TRADIÇÕES ORAIS<sup>1</sup>

VICTOR ANDRÉ MARTINS DE MIRANDA

## RESUMO

A partir de trechos retirados da introdução do livro, em manuscrito, da mestra Japira Pataxó, buscamos refletir formas de transmissão de saberes dos mestres convidados ao Encontro de Saberes. Buscamos mostrar que os mestres dos saberes populares e tradicionais podem cumprir um importante papel para desatropiar algumas aptidões relegadas dentro dos nossos centros de ensino superior. Propomos que os mestres promovem a construção de um espaço universitário territorializado, pluriépistémico e descolonizado.

## PALAVRAS-CHAVE

Encontro de Saberes, Educação, Interculturalidade em Saúde.

*KNOWLEDGE FROM THE WOODS: SENSITIVE EXPERIENCE AND ORAL TRADITIONS*

## ABSTRACT

Based on excerpts of Japira Pataxó's book we present discussions about the transmission of knowledge in the Meetings of Knowledge project. We aim to evidence the important roll of the *mestres* from traditional and popular sciences in the deatrophy of abilities relegated inside our universities. Besides, we propose that the Meetings of Knowledge contribute to build a university that is decolonized, immersed in its territory and pluriépistemic.

## KEYWORDS

Meetings of knowledge, Education, Interculturality in Health.

*SAVOIRS SYLVESTRES: EXPÉRIENCE SENSIBLE ET TRADITIONS ORALES*

## RÉSUMÉ

A partir d'extraits de l'introduction du livre encore manuscrit de Japira Pataxo, notre réflexion porte sur les diverses formes de transmission des savoirs traditionnels par leurs détenteurs invités aux Rencontres des Savoirs à l'université. Nous procurons démontrer que les porteurs des savoirs populaires et traditionnels peuvent avoir un rôle important pour découvrir et développer certaines aptitudes ignorées au sein des centres d'enseignement supérieur. D'autant plus que les détenteurs de ces savoirs rendent possible la construction d'un espace universitaire territorialisé, épistémiquement pluriel e décolonisé.

## MOTS-CLÉS

Rencontre de savoirs, Éducation, Interculturalité et santé.

*CONOCIMIENTOS DE LAS HIERBAS: LA EXPERIENCIA SENSIBLE Y LAS TRADICIONES ORALES*

## RESUMEN

---

<sup>1</sup> Agradeço à mestra Japira por sua sabedoria e à Rosangela de Tugny por suas considerações e orientação. Dedico este texto ao mestre Jonga, cacique da Aldeia Pataxó Novos Guerreiros falecido em 2019. Que sua força nos inspire.

A partir de extractos del libro de la *mestra* Japira Pataxó, buscamos reflexionar las formas de transmisión de conocimientos de los *mestres* invitados al proyecto Encuentro de Saberes. Buscamos demostrar que los *mestres*, expertos de los saberes populares y tradicionales, pueden cumplir un papel importante para la des-atrofia de algunas aptitudes relegadas dentro de nuestros centros de educación superior. Proponemos que los *mestres* promueven un espacio universitario territorializado, pluriépistémico y decolonizado.

### **PALABRAS-CLAVE**

**Encuentro de saberes, Educación, Interculturalidad en Salud.**

## DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, O FIO DOS SABERES CURATIVOS<sup>2</sup>

O conhecimento das plantas, saber o modo de colher as folhas e seus usos, como fazer os preparos e como usar eles, conhecer dos banhos, saber as ervas boas e as venenosas: tudo isso passou pelas gerações pataxó. Os mais velhos passam isso para os mais novos, nem sempre explicando. É vivendo perto deles que esse conhecimento vai passando e entra em nosso espírito. O que eu aprendi em minha vida veio dos espíritos e da minha atenção e curiosidade pelos mais velhos. Sempre gostei de conversar com os mais velhos para ouvir o que eles falavam, de geração para geração. Eu ouvia suas falas e aquilo incorporava em mim, despertava algo dentro de mim e os espíritos dos antepassados iam ficando cada vez mais perto. Toda vez que falo sobre as plantas ou cuidado das pessoas, esses espíritos se aproximam de mim. Muitas vezes enquanto escrevíamos esse livro eu me perdia, os espíritos me tomavam e iam soprando os conhecimentos. Muita coisa não sei como aprendi. Tem coisa que fazia parte da minha avó, hoje faz parte do meu espírito. Todas essas pessoas que me ensinaram vivem dentro de mim e seus espíritos me acompanham. Esse caminho que fiz escrevendo esse livro passa a força de todas essas pessoas e do meu povo (...).

Vendo e ajudando minhas avós e os mais velhos que eu aprendi muitas das coisas que eu sei e faço. Quando vou andar nas matas eu sempre acabo com um buquê de erva medicinal, casca ou cipó. Esse costume vem da minha avó Neném que sempre tinha na mão um punhado de erva que ela tinha colhido. Muita coisa das minhas avós que ficou marcado em mim vou percebendo com o tempo (PATAXÓ, 2021).

Antônia Braz Santana, conhecida como Japira, é autora destas palavras. Japira é pajé da aldeia Novos Guerreiros, localizada entre Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália - Bahia, e exerce uma singular função junto à sua comunidade e seu povo. Japira é uma sabedora das tradições e tecnologias do povo pataxó, sendo mestra da cura e cuidado<sup>3</sup>, possui profundo domínio da ciência das espécies medicinais, vegetais e animais, das técnicas de produção dos preparos curativos, da identificação de acometimentos em saúde do plano biológico e espiritual, dos mitos e saberes da cultura pataxó, sendo uma importante anciã da preservação da cultura, saberes e práticas de seu povo. Japira participou como mestra convidada do projeto Encontro de Saberes<sup>4</sup> na sua primeira realização no ano de 2014 na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), onde ministrou o curso: *A medicina social e ecológica dos povos Pataxó do Sul da Bahia*. No ano de 2018 foi convidada outra vez para

<sup>2</sup> Este artigo deriva do projeto: Biografia das mestras e mestres das artes ameríndias - livros e filmes – CNPq.

<sup>3</sup> Utilizamos estes termos para destacar que sua prática de pajé não visa meramente a cura, mas também o cuidado; o acolher, zelar, acompanhar. O termo cuidado em saúde sustenta-se em outra compreensão de indivíduo. Na acepção de *cuidado* do presente trabalho, o indivíduo não é entendido como objeto de intervenções que visam sua normalização - um retorno a uma identidade, "mesmidade". O cuidado implica uma ação de sustentar, acolher, acompanhar, em seu caminho de construção e reconhecimento, de uma individualidade intersubjetiva. A epistemologia curativa dos mestres da cura e cuidado, como Japira, pode contribuir de forma especial para as reflexões teóricas do campo da Saúde Coletiva, estes encontros e desencontros deverão ser abordados em um trabalho futuro. Para uma melhor compreensão sobre as discussões que permeiam o termo polissêmico "cuidado" ver Ayres (2001).

<sup>4</sup> O Encontro de Saberes é um projeto promovido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino e na Pesquisa (INCTI) e acolhido por diversas universidades brasileiras. O projeto visa convidar mestras e mestres dos saberes tradicionais e populares para atuarem como professores temporários nos cursos de graduação.

ministrar um Componente Curricular direcionado ao Bacharelado e Licenciatura Interdisciplinar em Artes (UFSB), o Ateliê em Encontro de Saberes. Além de ter participado como professora no nível superior, nos anos 2017-2018 ministrou encontros pedagógicos na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, em um projeto conduzido por discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFSB e pelos professores pataxó da escola. Desde o ano de 2017 iniciamos a organização do livro da mestra e recentemente, já em sua conclusão, Japira elaborou a introdução para essa obra. Nela aponta importantes discussões acerca de sua metodologia de ensino e sobre como aprendeu seus saberes.

Segundo vários professores, lideranças e mesmo a mestra Japira, os Pataxó não possuem ritos iniciáticos para alcançarem o título de pajé. Japira nos conta que antigamente não existia distinção. Na comunidade de Barra Velha, onde nasceu, havia os mais velhos e sábios que possuíam vasto conhecimento das ervas medicinais, dos mitos e da capacidade de intermediar encontros com o mundo dos espíritos, mas esses não recebiam essa denominação. Havia também as parteiras, que tinham um grande conhecimento de rezas, preparos medicinais, das plantas, dos cuidados das gestantes, das parturientes, dos recém-nascidos e das crianças até o fim da primeira infância<sup>5</sup>. O que parece qualificar os pajés pataxó é: sua capacidade de intermediar encontros com seres míticos e espirituais, seu *dom* de encontrar as plantas medicinais, sua destreza para produção de preparos medicinais, o conhecimento das rezas e sua sabedoria com histórias do povo pataxó. Os pajés são fundamentalmente anciões que zelam pela cultura pataxó, são aqueles que passam de geração para geração as tradições curativas e que prestam serviço de cuidado em saúde para a comunidade. Essa reivindicação da posição de pajé faz parte de uma afirmação da cultura pataxó. Parte dos anciões pataxó, que exercem função de cura e cuidado, se reivindicam enquanto pajés. Pode-se inserir essa reivindicação como parte de um amplo movimento realizado pelos Pataxó de retomadas de terras e reafirmação cultural. Se reconhecer como pajé é uma forma de valorização dos saberes curativos das anciãs e dos anciões pataxó.

Vemos nesse trecho selecionado que o aprendizado da mestra Japira com os mais velhos se dava fundamentalmente na experiência. Os mais velhos não falavam muito. Para aprender seus conhecimentos era necessário viver ao seu lado, acompanhá-los em seus fazeres e ser capaz de desenvolver uma aguçada atenção para o pouco que diziam e a tudo que faziam. Segundo a mestra, esse aprender com os mais velhos fazia crescer seu espírito e a aproximava de espíritos que a conectavam a uma longa tradição curativa, construída pelas gerações pataxó.

---

<sup>5</sup> Sua avó Maria Rosa, destaca-se como importante parteira, reconhecida em toda região da Aldeia Barra Velha.

O que parece mais fundamental no aprendizado de Japira é algo que a sociedade ocidental tem cada vez mais desvalorizado: a experiência (*erfahrung*). Benjamin<sup>6</sup>, em dois instigantes textos: *O Narrador* e *Experiência e Pobreza*, aponta para um brutal empobrecimento da sociedade ocidental com o fim da experiência como marco fundamental do crescer e viver. A morte da experiência ainda se combina com a perda de duas outras peças fundamentais do patrimônio humano, a da narrativa e a da memória. Cada vez mais a sociedade ocidental capitalista mergulha em um mundo pobre de experiências, de narradores e que perde a mais bela musa *Mnemosyne*, a deusa da reminiscência “que funda a cadeia da tradição, que transmite acontecimentos de geração em geração (...). Ela tece a rede que, em ultima instancia, todas as histórias constituem em si” (1985, p.211).

Os saberes da oralidade se constroem nessa longa cadeia de mestres que transmitem seus saberes na experiência. Amadou Hampâté Bâ, grande mestre das tradições orais, em um maravilhoso texto, *A tradição viva*, aponta essa vinculação da transmissão da sabedoria da oralidade com a experiência. A iniciação às tradições da oralidade africana está vinculada a um ofício, esse pode ser de ferreiro, tecelão, pescador, caçador, ou outro, onde o mestre ensina não apenas técnicas, mas uma ampla variedade de conhecimentos (históricos, medicinais, geográficos, mitológico e morais). Além deste âmbito de transmissão, do ensino do ofício, é no próprio cotidiano, na totalidade da vida, que se aprende com os mestres “Ao fazer uma caminhada pela mata, encontrar um formigueiro dará ao velho mestre a oportunidade de ministrar seus conhecimentos diversos, de acordo com a natureza dos ouvintes” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.183).

Essas tradições de conhecimento são tidas como *vivas*, por situarem o aprendizado também em experiências que escapam um ordenamento prévio do mestre, seus saberes enriquecem experiências, não as delimitam. É acompanhando os mestres que se aprende o que eles têm a ensinar e a dizer. A experiência e a escuta encontram-se indissociáveis, mesmo porque o entendimento de “fala” e “escuta” para as tradições da oralidade muitas vezes possuem outra conotação. Para Japira, as plantas se comunicam e para a tradição bambara do Komo, “quando *Maa Ngala* [entidade criadora de todas as coisas] fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar sua fala” (HAMPÂTÉ, 2010, p.170).

Um traço fundamental dos bons narradores é essa aptidão de dar continuidade à uma história que não é individual, mas sim um fio coletivo que passa pelas gerações. Nessa relação, o ego e a ideia de sujeito não sobressaem ao fazer. Os momentos em que Japira diz

---

<sup>6</sup> Traremos para essas reflexões alguns pensadores ocidentais que captaram com profunda acuidade a tragédia ocidental. Benjamin (1985) viu o abismo da sociedade capitalista ocidental em sua expressão plena e o encarou com grande pessimismo. Podemos levantar distinções entre o pensamento de Benjamin e Mariátegui, para evidenciar que no caso da América Latina, essa tragédia pode encontrar nas comunidades ameríndias possíveis bases culturais para uma refundação social e humana. Abordaremos essas questões em algum texto futuro.

perder-se enquanto escrevia seu livro parecem nos apresentar esse fio que passa pelas gerações pataxó. Seus saberes são canalizações desse tecido fiado por gerações de sábias e sábios. Para Benjamin (1985, p. 205), esquecer-se de si é uma característica dos bons ouvintes e futuros narradores.

Quando mestra Japira nos explica como aprendeu seus conhecimentos, sempre remarca a importância de seu *dom*. Mesmo havendo muitos sabedores que possuem grande domínio das plantas medicinais e dos preparos curativos, esses não são atributos suficientes para se tornar um pajé, ainda que necessários. Na escrita do livro de Japira, seu marido, cacique Jonga<sup>7</sup>, participou ativamente, muitas vezes descrevendo espécies medicinais inteiras. Mesmo sabendo grande parte do arcabouço curativo que serve para as práticas medicinais de Japira, ele não era considerado um pajé. Diferente de outros anciãos e sabedores, segundo ela, *o pajé tem uma visão, têm os olhos que chegam mais longe*. Em outro trecho, mais adiante na introdução de seu livro encontramos:

“Às vezes vocês podem passar por certas plantas e pensar que para nada elas servem, eu quando olho os matos já vejo as ervas para chá, banho e garrafada. Vejo porque sei, mas também porque as plantas chamam, é como um imã, elas mostram seus saberes e forças para mim” (PATAXÓ, 2021).

É justamente essa sensibilidade presente no trato de acometimentos espirituais, na capacidade de desvendar o universo curativo das plantas medicinais e de descobrir os acometimentos de saúde, que qualifica o pajé. Assim, parte importante do seu fazer é dado por essa sensibilidade a aspectos sutis. Essa outra modalidade de busca de conhecimento é a que sustenta uma investigação permanente do mundo curativo, responsável por atualizar e expandir o repertório de saberes pataxó.

Em *O Narrador*, Benjamin aponta a relação que se estabelece entre a experiência, a memória, a narração e, mais adiante, a um certo tipo de misticismo, “há indícios de que essa característica [o misticismo] é própria da natureza do narrador” (1985, p. 219). Esse misticismo não é de qualquer ordem, vincula-se a uma certa capacidade de *ouvir* o que a natureza tem a dizer. Essa aptidão se relaciona com a capacidade de se afetar profundamente nesses encontros com os entes tidos como inanimados. Para isso, é preciso levar as qualidades de um bom ouvinte às suas mais refinadas conformações, para assim buscar os saberes imanentes das espécies vegetais.

---

<sup>7</sup> Cacique Jonga, nos dizia que os caciques possuem grande responsabilidade na defesa e no cuidado de sua comunidade. Assim, eles geralmente são grandes sabedores das histórias pataxó, bem como das práticas curativas tradicionais. Entretanto, enquanto o cacique deve cuidar da comunidade, o pajé cuida de cada pessoa individualmente, por isso a necessidade de possuir fina aptidão espiritual, nem sempre presente nos caciques.

## NO LABIRINTO DAS TERRAS PATAXÓ, TRANSMITINDO OS SABERES DO MATO

Sempre passei os conhecimentos dos matos para quem vem em minha casa. Quando as pessoas vêm pedindo ajuda eu passo também os conhecimentos de como se cuidar. Quando a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) começou a convidar os mestres para dar aula eu participei, isso foi bem no início de sua fundação, em 2014 (...). Nessa época Ararai, meu filho, me acompanhou nos encontros e eu fui tendo que construir uma forma de ensinar esses saberes. Em um encontro eu passava os conhecimentos das plantas, suas qualidades, histórias e preparos, enquanto isso Ararai as desenhava no quadro. Ao fim de cada encontro pedia para que os estudantes escolhessem uma planta que eu havia ensinado, a buscassem e a trouxessem para a próxima aula. Essa experiência foi importante para que eu mesma pensasse em como ensinar essas coisas que aprendi de outra forma, não foi em uma sala de aula que aprendi o que sei sobre as plantas.

Depois disso, no ano de 2017, fui participar junto com alunos da universidade em um projeto na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha (...). Nessas aulas usei a mesma forma de ensinar que tinha construído para as aulas que dei na universidade, mas dessa vez ainda tínhamos a horta, onde iríamos plantar os matos medicinais (...).

Conseguimos fazer duas excursões com os alunos, uma fomos na Aldeia da Jaqueira e outra na Novos Guerreiros, numa estudamos e vimos a mata atlântica e noutra a restinga. Essas andanças, buscando as plantas e contando histórias, foram um momento muito importante para passar esses saberes. A força das plantas ajuda aos alunos a aprender (...). Essa força é que entra em nosso espírito. Assim como minha avó passou a força dela e das plantas para mim, eu passei essa força para os meninos.

Em 2018 tive a oportunidade de ir outra vez à UFSB, dessa vez como convidada para dar uma aula aos alunos das artes (...). Conseguimos na UFSB um espaço na cozinha para que eu mostrasse como fazer os preparos. Já tinha realizado na escola indígena duas oficinas de preparos, em uma fizemos os chás e em outra os banhos, essa tinha sido uma importante experiência para os alunos aprenderem a como usar as plantas, só a palestra não é suficiente. Para os alunos das artes, penso que mostrar os cheiros e as cores dos óleos foi muito importante, essa minha medicina tem o que ensinar para esses alunos, os preparos são cheios de cheiros, cores e texturas (PATAXÓ, 2021).

Os saberes das mestras e mestres das tradições ameríndias, negras e populares são frutos de espaços de aprendizagem muito distintos daqueles que elegemos como centros de produção e transmissão de conhecimento. Assim, como vimos, o modo como a mestra Japira aprendeu se difere daquele que majoritariamente é utilizado para a transmissão de saberes dentro de nossos centros de ensino. Esses saberes devem encontrar metodologias de ensino também distintas.

Os cursos ministrados pela mestra Japira não se restringem ao espaço da sala de aula. Essa característica, compartilhada por muitos mestres convidados ao Encontro de Saberes, apresenta-nos uma pedagogia própria desses sabedores: uma pedagogia que buscar reavivar memórias nas experiências.

As andanças com os alunos na vegetação sul baiana, em busca de plantas medicinais e contando histórias, são uma importante instância de transmissão de saberes nos cursos ministrados pela mestra. Esse caminhar em busca das plantas medicinais lança aos alunos uma pergunta: quais das plantas medicinais vocês são capazes de reconhecer no meio deste mato? E lhes propõe um exercício investigativo que integra a experiência sensível ao universo de saberes pataxó. Esse convite à andança, à busca dos matos medicinais, é um dos

aspectos constitutivos das aulas ministradas pela mestra. Podemos entender sua forma de ensinar como uma pedagogia que pensa a educação a partir do par experiência/sentido, como nos propõe Jorge Larrosa Bondia:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, (...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (2002, p.24).

Essa forma de ensino tem o corpo como importante instância de investigação. É a partir do toque, do cheiro, da inserção dentro da mata que se busca articular esses saberes. Quando Japira nos diz em suas aulas que experimenta seus extratos curativos antes de indicá-los para um consulente<sup>8</sup>, ela aponta para essa sabedoria que possui o corpo como lugar central de elaboração de conhecimentos. Saber uma planta não é objetivá-la, é senti-la e ser afetada por ela. A apuração da experiência sensível é parte fundamental da didática de Japira. Ensinar a buscar as plantas, escutar os mais velhos, a sentir seus cheiros, atentar-se para as cores, formas de crescimento e interações com a fauna<sup>9</sup>, esses são alguns aspectos constitutivos dessa forma de saber e de ensinar. Além dessa busca pelas plantas, há uma outra instância em que ela lida especialmente com um ensino a partir da experiência sensível: as oficinas de preparos medicinais, nas quais os alunos são levados a trabalhar com o gosto, o cheiro e as texturas das folhas e raízes que compõem os banhos e chás medicinais.

Esse caminhar pelos biomas das terras pataxó nos apresenta uma forma de transmissão e construção de saberes que, se tomamos as reflexões de Tim Ingold (2015), *privilegiam o labirinto ao dédalo*. Ou seja, o espaço do aprendizado é profundamente construído pela vida em si, pela ecologia de acontecimentos e experiências que cercam o mestre e o estudante. Ao invés de buscar o molde, a

---

<sup>8</sup> “Eu faço primeiro o teste em mim antes de passar os remédios para as pessoas. Não adianta passar uma coisa que não experimentei. Bebo antes de passar para as pessoas. Pois senão passo uma coisa que para os outros não faz bem.” Fala transcrita da aula de Japira na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha 29/05/2017.

<sup>9</sup> Algumas espécies apresentadas em seu livro em construção têm seu uso relacionado com a forma de crescimento; um exemplo é o cipó-do-ar, este que cresce do solo, mas rapidamente trepa sobre outra planta e perde suas raízes. Outras como a batata de teiú possuem suas propriedades curativas relacionadas com a fauna.

elaboração de uma sequência de conhecimentos a serem transmitidos, a mestra propõe que a experiência de caminhar pelas matas seja o centro do aprendizado. É a conjugação desta experiência com a agência das próprias plantas que deixa os “meninos mais espertos com a força dos matos”, essa que “entra em nosso espírito”. Essa “força” parece responder uma provocação de Ingold no início de seu texto “Conhecimento é sabedoria?” (2015, p.22). Conhecer as plantas nas matas, aprender andar dentro delas e não se perder, são importantes aspectos dessa força de que nos fala Japira: não basta saber os nomes e os usos das plantas (conhecimento), é necessário também ser capaz de encontrá-las e depois encontrar o caminho que leva para fora da mata, é preciso viver e depurar essa experiência (sabedoria).

As andanças da mestra com os alunos buscam a construção de um saber compartilhado, um descobrir coletivo das espécies. Japira conduz encontros que levam a descobertas, suscitam histórias e trazem os saberes dos alunos como centro dessa pedagogia compartilhada. É uma pedagogia da *pergunta*, essa que se orienta a despertar uma *curiosidade epistemológica*, se a qualificamos com os termos de Paulo Freire (2015). As plantas apresentam caminhos amplos de saber e sua busca também orienta essa curiosidade sobre uma compreensão crítica da situação do povo pataxó<sup>10</sup>, suscitam discussões que levam à história pataxó, à necessidade da defesa da terra e a afirmação da cultura de seu povo. Interessante também é pensar que, no caso da escola indígena, a mestra ainda entende seu papel de professora de forma compartilhada com outros anciãos, avós dos alunos e demais sabedores da comunidade, uma vez que essa curiosidade despertada busca uma reaproximação entre gerações. Perguntas comuns que escutamos em suas aulas aos alunos indígenas eram: sabem para que essa planta serve? As avós de vocês já lhes ensinaram isso? Já viram alguém usando esta planta? Já a encontraram na aldeia onde moram?

A vinculação das plantas medicinais pataxó ao seu território é um aspecto muito caro ao saber medicinal da mestra Japira. Sempre em suas aulas, bem como em seu livro, grande parte das plantas enunciadas possuem seu lugar de crescimento na terra pataxó apontado: “a *carobinha* que cresce no bairro Carajá”, “o *fedegosão* que é encontrado no centro da Aldeia Novos Guerreiros”, “o *banquelim* que cresce no

---

<sup>10</sup> Japira e Jonga, apesar da sua enorme amorosidade, não deixavam de serem rigorosos com a nova geração, cobrando dessa a responsabilidade de perpetrar a luta incansável do seu povo guerreiro.

brejo do Anjo em Barra Velha”. Além de indicar este lugar de crescimento, recorrentemente em suas histórias sobre sua família, as plantas compõem importante elemento de composição da paisagem narrativa. Assim é o dendezeiro onde seu avô paterno Acrísio se abrigou, o jasmim onde o seu avo materno Delfino se escondeu - ambos fugindo dos soldados no fogo de 51<sup>11</sup>; ou o tucum que provia a linha que a sua avó Luzia vendia aos pescadores de Caraíva; ou mesmo a estradinha de terra que passava ao lado de uma grande Jundiba, lugar privilegiado para escutar os gritos do bicho-homem. Esse saber, profundamente territorializado, não está dissociado da defesa desse território. Ao longo de sua vida, a mestra Japira, conjuntamente com Jonga, participaram ativamente na retomada de cinco terras pataxó<sup>12</sup>.

Pontuamos como essa pedagogia da mestra Japira voltava-se para uma construção partilhada do saber, fundada na experiência sensível. Podemos encontrar aqui uma impressionante forma de partilha do sensível, se tomarmos os termos de Rancière (2005). Essa forma de transmissão de saber é fundada em uma experiência estética, sensível e política dos saberes curativos pataxó. Essa partilha estética, não entendida como estando localizada no espaço restrito ao que convencionou chamar-se de “artes”, mas como um “recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência (2005, p.16)”. Essa pedagogia da experiência partilha essas dimensões que visamos descrever: política, cultural, tecnológica e curativa, a partir de uma abordagem sensível e estética desses conhecimentos.

Uma das características dos mestres dos saberes tradicionais e populares é precisamente o caráter transdisciplinar de seu conhecimento. Não deveríamos nos impressionar com o fato de que, em uma das ocasiões que foi convidada a lecionar na UFSB, Japira tenha ministrado aulas direcionadas ao Bacharelado e a Licenciatura Interdisciplinares em Artes. Quando a mestra nos aponta que seus preparos podem ter algo a contribuir para os alunos das artes, apresenta justamente o caráter

---

<sup>11</sup> O Fogo de 51, ocorrido no ano de 1951, foi um massacre à comunidade pataxó da aldeia Barra Velha pelo aparato repressivo de Estado. Instaurado na tentativa de demarcação de terras, marcou a dispersão dos Pataxó pelas regiões sul baianas e também mineiras.

<sup>12</sup> Aldeia Boca da Mata (1981), Ampliação da área de Coroa Vermelha (1994), Bairro Carajá (1998), Aldeia Itapororoca (2005) e Aldeia Novos Guerreiros (2013).

estético, sensível e expressivo de sua prática curativa. Ao contrário da medicina hegemônica que ancora sua prática sobre uma estética da anestesia, destituindo a experiência sensível, expressiva e simbólica como parte importante nos processos de saúde-cuidado, a da mestra Japira, nos apresenta uma prática curativa calcada na estesia.

O caráter estético e expressivo da prática médica hegemônica ou é relegado - se adota uma estética da ausência, que se imagina inexistente e que não reflete a si mesma - ou, quando elaborado, está rendido ao interesse do capital. Esse relegar do campo estético, expressivo e simbólico ao que se convencionou como campo da arte, e sua extirpação do que é considerado o saber científico, promoveu um dos principais empobrecimentos do mundo ocidental. Os mestres dos saberes tradicionais podem ter esse importante papel de restituição de um caráter sensível, expressivo e simbólico à nossa ciência. No caso da saúde, a relação entre o que se convencionou como arte muitas vezes adota um caráter instrumental e tecnicista. Quiçá a partir de um encontro de saberes com os mestres da saúde, possamos repensar a dimensão estética, sensível e expressiva presente em todo processo curativo.

Esse caminho não deveria buscar uma retomada idealista que careça de autenticidade, adotando um caráter dito “artístico”, que seja alheio, desconexo e artificial. O que a proposta do Encontro de Saberes pode nos apresentar é uma genuína possibilidade de repensar nossa história colonial e, a partir do contato com outras epistemologias curativas, permitir que possamos ser afetados por suas perspectivas. Esse movimento contribui a dar um passo a mais ao pensamento crítico e latino-americano da Saúde Coletiva, aprofundando em uma perspectiva emancipatória, descolonizada e sensível da saúde. Esse ‘ser afetado’, não possui como vontade uma unificação dos saberes. O Encontro de Saberes é fundamentalmente uma proposta para a convivência de distintas epistemologias, que passam a dialogar. Como Carvalho e Flórez (2014) apontam, deve-se reconhecer duas características dos saberes nesse encontro, a sua incomensurabilidade axiológica e ideológica (impossibilidade de medir e aprender as totalidades das lógicas que regem esses saberes) e a irredutibilidade (os saberes tradicionais e os modernos nem sempre poderão encontrar uma equivalência disciplinar). Assim, evita-se o mal-entendido de que se propõe uma “substituição dos conhecimentos

modernos por saberes ancestrais ou uma mera tradução dos saberes ancestrais a termos do conhecimento ocidental moderno” (CARVALHO; FLÓREZ, 2014, p.141)<sup>13</sup>.

Os encontros voltados aos cursos de artes ocorreram no ano de 2018, quando Japira foi convidada a ministrar o Ateliê em Encontro de Saberes. Acompanhada de seu esposo Jonga, conduziu encontros, responsáveis por apresentar esse grande complexo cultural e estético da medicina pataxó. Ainda que os saberes curativos fossem um eixo que conduzia suas aulas, Japira ministrou encontros que não se restringiam a esses. Nesse sentido, apresentou, em um encontro, a histórica aliança afro-indígena na região sul baiana, noutro, os processos de retomadas de terras e da língua patxohã, além de ter preparado uma calorosa despedida para os alunos em sua aldeia. No encontro final, onde os estudantes expuseram a mestra seus trabalhos finais, Japira os apresentou a gastronomia pataxó, servindo peixe assado na folha da patioba, mandioca amassada, farinha de puba e para beber preparou o cauim. Após a apresentação dos alunos e o banquete, a aldeia realizou um *awê*. Os *awês* são longos ritos com cantos e diversas modalidades de dança, como os “bate barriga”, dança com bastão e outras. Os cantos e as danças pataxó encerraram as atividades pedagógicas conduzidas pela mestra Japira.

As aulas ministradas pelos mestres possuem uma poderosa possibilidade de transformação do ensino superior justamente por essa inserção de aspectos que estão além de campos de conhecimento. O Encontro de Saberes possibilita uma revitalização de nossos cursos superiores por inserir uma experiência pedagógica capaz de enraizar nossas universidades em seus territórios. Assim, como Guimarães et al. refletem:

“(…) um dos aspectos mais relevantes dessa proposta é a inversão das relações com comunidades, coletivos e sujeitos daquela que convencionalmente recorta a relação da universidade com seu exterior: o movimento é o de trazer os mestres para dentro e não o de ir buscar os seus saberes em suas comunidades para alimentar as pesquisas e as ações de extensão” (2016, p.196).

Esse movimento de inclusão dos mestres como professores constrói um caminho para o enraizamento das nossas instituições de ensino superior. Os alunos que tiveram a possibilidade de participarem do Ateliê conduzido pela mestra Japira saíram com outro entendimento do território sul baiano, marcado pela incansável luta do povo pataxó contra os processos colonizatórios. O Encontro de Saberes possibilita que as instituições de ensino

---

<sup>13</sup> Tradução minha a partir do original em espanhol.

superior passem a refletir em seu quadro educacional o território ao qual pertencem. No caso da UFSB, a proposta conduz para a construção de uma universidade sul baiana por excelência. Essa que, além de um importante centro das ciências ocidentais, também inclui os saberes de seu território.

## GESTOS HÍBRIDOS DE CRIAÇÃO: ENTRE ESCRITA E ORALIDADE

Quando eu fui na universidade dar essas aulas essa minha vontade de fazer um livro aumentou. Percebi que levar só na palavra não era suficiente, eu também não conseguia levar nas mãos, o livro tenta apresentar esse conhecimento, para mostrar para o povo como sabemos dos remédios e a nossa medicina.

(...). Eu tenho o conhecimento disso que estou escrevendo, muitos pesquisadores só escreveram, mas eu tenho esse conhecimento de como fazer, como usar, eles não conseguem saber o que a gente sabe. Eles só escreveram, o livro que eu estou fazendo sai de dentro de mim, sai de dentro da minha memória, do meu saber e fazer.

Neste livro está a força que colhi das plantas e dos espíritos que me acompanham. Assim como enquanto eu aprendia com minhas avós meu espírito crescia, eu espero que com esse livro eu consiga passar essa força adiante. Os mais novos encontrarão aqui muitas histórias, descobrirão as plantas, as suas qualidades, seus preparos e formas de cuidado. Com esse conhecimento espero que eles busquem seus avós para mostrar esse livro e aí encontrarão saberes que talvez não foram escritos. Apresento aqui parte importante dessa sabedoria pataxó, mas não ela toda. Muitos jovens podem ler este livro para os mais velhos que não sabem ler e nessa conversa irão aprender muito. Além disso, devem ir atrás das plantas que nele estão e com elas aprenderão também. Este livro abre essa pesquisa para os que o lerem (PATAXÓ, 2021).

Refletindo a relação entre texto/imagem no pensamento ocidental, Flusser (1996) propõe que o gesto da produção de textos difere daquele que produz imagens. Enquanto o primeiro busca conceituação, linearidade, uma unidimensionalidade do pensamento, o segundo busca a construção de uma bidimensionalidade intersubjetiva, visa a produção de formas, símbolos que exprimem uma experiência vivida e a colocam à disposição da interpretação. Ambos os gestos rebatem na interioridade do sujeito e o transformam. Ou seja, “o gesto de escrever textos exprime conceituação, e quanto mais se escreve tanto mais se desenvolve a capacidade conceitual”. Por outro lado, “o gesto de imaginar exprime imaginação e, quanto mais imagens são produzidas, tanto mais a imaginação fortalece” (FLUSSER, 1996, p. 64). Essa aparente aporia texto/imagem se relaciona intimamente com outra, a que se configura entre escrita e oralidade.

Os saberes da oralidade, desprezados por serem considerados imprecisos, carecerem de objetividade, transparência, ou mesmo de “eficácia” na sua transmissão, foram relegados por nossos centros de conhecimento. Em nossas universidades a escrita é hipertrofiada e a oralidade atrofiada, como qualifica Carvalho (2010, p. 244). Esse movimento que leva à hipertrofia da escrita marcou profundamente o modo de transmissão de saberes, de tal forma que no modelo universitário hegemônico a “oralidade é também grafocêntrica: repete o texto escrito, fala sobre ele, funciona à sua volta, mas não produz

conhecimento próprio” (COSTA; CARVALHO, 2020, p. 30). A oralidade presente no espaço universitário se encontra, portanto, submetida à grafia, possui como vontade a conceituação, a linearidade e a transparência. Assim como buscamos evidenciar, a perda da narração/oralidade se relaciona em última instância com a perda da experiência sensível. Nosso mundo de conhecimentos passou por uma *asepsia*, “pela eliminação da vida, dos sinais de vida, dos vestígios do que possa ser vida” (COSTA; CARVALHO, 2020, p. 30). Nesse sentido, quando Japira aponta que, ao entrar no espaço acadêmico, sua vontade de fazer o livro aumentou, parece nos indicar justamente essa característica *grafocêntrica* de nossas instituições universitárias. Levar seus saberes na oralidade não era suficiente, levar todas espécies medicinais em mãos era inviável. A apresentação de um livro abre um diálogo com esse mundo aparentemente surdo, é uma mediação possível.

O gesto de produção da narração possui distinções para com aquele que gera imagens. A produção de imagens, como argumenta Flusser, dá um passo atrás da circunstância, para fixar os objetos em um suporte, produzindo símbolos sobre uma superfície, abstrai duas das quatro dimensões espaço-temporais - esse é o exercício da imaginação. De outro lado, a oralidade não tem como suporte a bidimensionalidade de uma superfície, seu suporte é a memória. O processo de internalização e externalização da oralidade, entretanto, se assemelha com aquele da imaginação (aqui enquanto capacidade de produção de imagens), uma vez que necessita desse passo atrás da experiência para qualificá-la, abstrai-la e gravá-la sobre seu suporte, este é: a memória. Assim como para a produção de imagens, o saber da oralidade necessita de uma aguçada apuração dos sentidos na experiência, sem experiência não há narração e sem escuta não há história. Retomamos experiência/escuta enquanto um binômio indissociável para o saber da oralidade. O mesmo não encontramos no gesto da produção do texto, uma vez que o desejo de controlar a imaginação, libertar-se do seu fascínio ludibriante, tem como *telos* uma densificação da zona conceitual que se sobrepõe sobre a própria circunstância, “a qual passa a ser contável, explicável, calculável” (FLUSSER, 1996, p. 66).

Outra semelhança entre estes dois gestos, da imagem e o da narração, parece ser a dimensão da sua apreensão que é intersubjetiva, circular e datada de outra temporalidade se a comparamos com a do texto. O processo que leva o decifrar das imagens, segundo Flusser, requer um movimento circular de aprofundamento na imagem. A imagem abre uma possibilidade interpretativa, o vaguear por sua superfície adota um movimento circular, o que já fora visto é revisto, “o ‘antes’ se torna ‘depois’, e o depois ‘se torna o ‘antes’” (FLUSSER, 1985, p. 7). O tempo da imagem é circular, é do eterno retorno, sua contemplação abre um desvendar que se aprofunda a cada ciclo. O significado decifrado é intersubjetivo, uma vez que é uma síntese de “duas intencionalidades: a do emissor e a do receptor” (p. 7). Assim, o desejo do movimento que produz imagens é uma abertura à contemplação e à sua

interpretação. A imagem não possui como desejo a construção de um significado total ou de uma linearidade na sua apreensão.

A oralidade compartilha algumas dessas características. Quando iniciamos a organização do livro da mestra Japira, a tarefa que se apresentou mais difícil era exatamente a construção dessa linearidade exigida pelo texto. Quando a mestra apontava as qualidades de uma espécie em específico, essas não eram abordadas isoladas, mas sim inseridas em um grande arcabouço de histórias e relações com outras espécies. Indagar acerca de uma planta era dar um passo adentro de uma vasta rede de histórias e saberes interconectados. O saber da mestra Japira, ao contrário do nosso que possui o arquivo como excelência de sistematização, possui outra lógica discursiva e mesmo de estruturação. Seus saberes são transmitidos como grandes paisagens narrativas; no lugar onde encontramos uma história, encontramos o caminho para diversas outras. Nesse sentido, durante a escrita de seu livro, quando abordava uma planta, seu gesto narrativo não buscava haurir os saberes relativos a uma espécie de forma isolada, mas antes conectá-la a uma rede de conhecimentos. A mestra acabava por construir uma narrativa que iniciava em uma planta ia à outra, passava por histórias da sua vida e as vezes reencontrava a primeira espécie em um outro ponto narrativo. Esse movimento segue antes a lógica da circularidade do que da linearidade. Em suas aulas a inserção dos alunos nesse universo de saberes medicinais seguia essa mesma abordagem circular do saber, a cada reencontro de uma espécie se aprofundavam seus conhecimentos. Poderíamos repetir a descrição de Flusser acerca da apreensão das imagens: “o ‘antes’ se torna ‘depois’, e o depois ‘se torna o ‘antes’”. A temporalidade desses saberes é outra, requer desenvolvimento da capacidade de escuta e contemplação.

Apontar essas características dos gestos que produzem a narrativa, a imagem e o texto, nos ajuda a evidenciar características e formas de estruturação do saber típicas de cada abordagem. Desejamos apontar que cada um destes gestos possui uma característica própria, sendo cada um dotado de sua virtude e incompletude. Cabe pontuar que esses gestos nem sempre são puros: é possível uma escrita que não busque a conceituação total, assim como vimos que é possível uma oralidade *grafocentrada*.

O livro da mestra Japira apresenta um texto marcado por esse hibridismo dos gestos criativos. Ao contrário de buscar uma “densificação da zona conceitual” responsável por se sobrepor à experiência, Japira deseja que esse livro abra um caminho para a experiência: a busca das plantas, a escuta dos mais velhos, um desvelar desse universo medicinal. Em relação à linearidade, o livro da mestra, apesar de estar organizado a partir de capítulos, cada qual destinado a uma espécie medicinal, adota um modelo discursivo na apresentação de cada espécie que se aproximada da oralidade. Cada planta apresentada é desenvolvida a partir de um texto contínuo que integra cada espécie ao universo medicinal pataxó. Assim, diferentemente de muitos trabalhos que buscam descrever os saberes das

plantas medicinais, os capítulos de cada espécie não se encontram organizados por listas ou tópicos. Para apresentar a medicina pataxó, o livro da mestra pondera cada espécie apresentando de forma contínua suas formas de plantio, histórias, mitos, lugar de crescimento na terra pataxó, modos de preparo, morfologia das plantas e relações com outras espécies. Nessa abordagem, cada capítulo não se restringe a espécies isoladas, apresenta relações interespecíficas na composição dos preparos curativos, bem como nas histórias contadas. Dessa forma, o livro da mestra apresenta uma certa circularidade, já que os saberes de uma planta, apesar de condensados em um capítulo, se encontram distribuídos ao longo de diversos outros. Como exemplo, apesar de destinar um capítulo ao *pinhão-roxo*, parte de seus usos se encontram descritos nos capítulos da *juçara branca* e do *cipó-alho*. Vemos um certo movimento circular nessa apresentação, uma erva não é descrita linearmente, tem suas qualidades distribuídas nesse mosaico medicinal.

A oralidade nutre uma relação com a memória distinta daquela dos saberes grafocentros. Japira, em sua introdução, parece apontar para essa distinção. Enquanto muitos pesquisadores brancos pesquisam as plantas medicinais, as catalogam com ajuda de mestres sabedores e produzem extensos textos acerca delas, eles nem sempre incorporam esses saberes - o saber das plantas fica relegado ao arquivo. Os saberes da oralidade não se encontram armazenados em um arquivo escrito, estão na memória. A capacidade de possuir uma memória larga e precisa é aptidão fundamental dos sábios das tradições orais. Amadou Hampâté Bâ, no mesmo texto ao qual já nos referimos, sublinha essa vinculação entre memória, o saber oral e a singular relação que as tradições orais nutrem com a palavra. Enquanto para a tradição grafocentrada a verdade é aquilo que se encontra no arquivo, a verdade para a oralidade é a própria palavra pronunciada: “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é” (2010, p. 168)<sup>14</sup>.

Vemos aqui uma impressionante semelhança com o que Japira aponta em sua introdução: *o livro que eu estou fazendo sai de dentro de mim, sai de dentro da minha memória, do meu saber e fazer*. Nesse mesmo sentido, o desejo de que o livro abra essa pesquisa para aqueles que o lerem busca essa característica da internalização do saber da oralidade. A mestra Japira apresenta um caminho para a incorporação e aprofundamento desses saberes, em última instância, é na experiência que esses conhecimentos serão reavivados e incorporados mais profundamente.

## CONCLUSÕES

---

<sup>14</sup> Tradução minha a partir do original em espanhol.

Apresentamos aqui reflexões a partir de três instancias de transmissão de saberes apontadas na introdução do livro da mestra Japira, em manuscrito. Primeiramente abordamos a transmissão dos saberes medicinais pelos anciãos pataxó à mestra Japira; no segundo trecho deste artigo, vimos parte da pedagogia da mestra, como ela transmite esse saber adiante; e, por fim, outro espaço de transmissão deste saber: o seu livro. Procuramos evidenciar como a experiência, a memória, a apuração sensível, e em especial a capacidade de escuta são aptidões fundamentais para o aprendizado dos saberes medicinais pataxó. As características da transmissão de saberes apontadas a partir desse texto de Japira podem ser ampliadas para pensarmos em outros mestres sabedores que adotam modos de transmissão similares. Essas instancias, que são centro de desenvolvimento e apuração nas aulas ministradas pela mestra Japira, parecem ser aptidões que se encontram atrofiadas em nossas universidades.

Nesse sentido, entendemos que a proposta do Encontro de Saberes promove uma possibilidade de desatrofiar algumas dessas aptidões relegadas por nossas ciências. Esse caminho não tem como pressuposto uma visão romantizada que entende essas aptidões como sendo mais puras, ou mesmo como estando mais próximas da relação homem-natureza. A proposta de acolhimento dos mestres visa ampliar esse espectro de aptidões desenvolvidas dentro do espaço acadêmico: para além da capacidade de produção textual, do exercício na racionalidade, é também necessário saber sentir, desenvolver a memória larga, a escuta e aprimorar a experiência sensível.

A possibilidade de um encontro de saberes sustenta-se na compreensão de que a ciência ocidental e a tradicional não são blocos homogêneos e inertes de metodologias e conhecimentos, estão em contínua transformação e construção. Assim, o Encontro de Saberes parte da premissa de que estes campos são passíveis de serem afetados uns pelos outros na construção de novos horizontes. No nosso cenário como periferia do sistema capitalista, esses encontros contribuem para a superação do dilema da modernidade que se constrói na periferia. Como Dussel aposta em sua *Filosofía de la liberación*, pode-se entender como uma busca por realizar um movimento analético, esse que realiza:

“(...) A superação da totalidade, mas não meramente como atualidade do que está em potência no sistema. É superação da totalidade desde a transcendência interna ou da exterioridade, daquilo que nunca esteve dentro. Afirmar a exterioridade é realizar o impossível para o sistema (não havia potência para isso) é realizar o *novo*, o imprevisível para a totalidade, que surge de uma liberdade incondicionada, revolucionária, inovadora. É negação da negação a partir da afirmação da Exterioridade” (2011, p. 240-241).

Esse acolhimento dos mestres de tradições orais cumpre dois importantes papéis: a descolonização e a apuração da capacidade de escuta/narração. Assim como Carvalho e Flórez (2014) apontam, acolher as tradições da oralidade possibilita construir um campo de inspirações mútuas. A vontade não é a resolução da tensão estabelecida entre a oralidade e a

escrita, mas que ela esteja justamente viva, nunca resolvida. Esse clima, propício para uma mútua inspiração, pode levar a gestos de criação híbridos, como é o caso do livro da mestra Japira. Além do papel de exercitar a habilidade narrativa e da memória de longo prazo, como elaboram Carvalho e Flórez (2018), acolher esses mestres da narrativa é abrir espaço para que essas memórias silenciadas em nossos espaços universitários estejam presentes. Esse caminho possibilita que nossas instituições busquem romper com esse *devir europeu*, como qualificam Carvalho e Costa (2020), e passem a refletir os saberes e histórias de seus territórios. Como apontamos, as aulas de Japira possibilitam uma inserção profunda no dilema pataxó e na história sul baiana. A aproximação dessas comunidades produz grande impacto em nossas instituições também por desvelar uma crise estrutural de nossa sociedade. Enquanto escrevo este texto, a comunidade da mestra Japira é ameaçada de ser expulsa de sua terra, apesar do contexto da pandemia de COVID-19. A descolonização de nossas instituições não deve ser pensada como isolada de toda nossa sociedade. Levantar essas questões é apontar para um complexo problema social que a proposta do Encontro de Saberes nos ajuda a encarar. Esse enraizamento das nossas universidades em seus territórios é fundamentalmente um processo de desalienação.

Acolher mestres como mestra Japira possibilitará uma profunda revitalização do nosso ensino superior. Esse movimento, abre espaço para construir um campo de inspiração mútua e tem como centro a possibilidade de um ensino superior descolonizado, enraizado em seus territórios, pluriépistêmico, popular e que acolha distintas modalidades cognitivas, de transmissão e construção de saberes.

## REFERÊNCIAS

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-119.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

COSTA, Samira Lima; CARVALHO, José Jorge. Processos de Transmissão: o ensino universitário e o encontro com mestras e mestres dos saberes tradicionais. In: MONTEIRO, Ana Cláudia Lima (Org). **Processos Psicológicos: Perspectivas Situadas**. Niterói: EdUFF, 2020, p. 28-57.

CARVALHO, José Jorge. Sobre o Notório Saber dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. **Cadernos de Inclusão**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na pesquisa INCTI/UNB/CNPq. 2016.

CARVALHO, José Jorge de. Los estudios culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes. **Tabula Rasa**, n.12, p. 229-251, 2010.

CARVALHO, José Jorge; FLÓREZ, Juliana. Encuentro de Saberes: Proyecto para decolonizar El conocimiento universitario eurocéntrico, **Nómadas**, v. 41, p. 131-147, 2014.

CARVALHO, José Jorge; FLÓREZ, Juliana. Encuentro de Saberes: Huellas de memoria pluriversa y descolonización de la universidad contemporánea. **Axius de Ciències Socials**. n. 39, p. 143-150, 2018.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la libertación**. 1.ed FCE. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FLUSSER, Vilém. Texto /Imagem Enquanto Dinâmica do Ocidente. **Cadernos Rioarte**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 64-68, 1996.

FREIRE, Paulo. (2015). **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GUIMARÃES, César et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, v. 4, n. 2, p. 179-201, 2016.

HAMPATÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Editor). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

PATAXÓ, Japira. **Saberes das terras pataxó: da beira mar à mata atlântica**. Em manuscrito, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

Recebido em 30 de agosto de 2020.

Aprovado em 18 de março de 2021.